

ção comemorativa da abertura dos portos, decretada por D. João VI, oito anos antes.

Para essa exposição foi construído por Pujol Junior um palácio na Avenida Tiradentes, começando quase em frente à Escola e indo até próximo da estrada de ferro S.P.R. era destinado à exposição preparatória, pois, no Rio de Janeiro, o Palácio de São Paulo foi construído pelo eminente mestre e grande engenheiro que foi Ramos de Azevedo.

Houve nesse tempo uma atribulada campanha a favor da proposta feita por "Guinle & Cia." para solução do problema de energia elétrica em São Paulo, em contraposição a uma proposta da "Light".

Tendo nossa Revista publicado dados técnicos fornecidos por Pujol Junior, mostrando as vantagens da pro-

posta Guinle, um vespertino resolveu atacar os alunos e êsse grande professor, o que provocou uma célebre passeata, empastelamento do jornal e prisão de muitos de nossos colegas, por algumas horas.

Figuraram nessa passeata Gaspar Ricardo, Luiz Pereira de Queiroz, Carlos Veiga, Mascarenhas, João Carlos Fairbanks e outros.

Isso deu origem a uma tremenda reação popular contra a "Light" o que ocasionou a paralização dos bondes, emprêgo de cavalaria, etc.

Creio que essas recordações já são suficientes para fixarmos alguns aspectos da vida escolar daquela época.

Redigindo estas notas, pensamos não só ter atendido ao apêlo de nossos jovens colegas do Grêmio, assim como ter prestado mais uma homenagem ao passado.

1912 - 1917

ARCHIMEDES P. GUIMARÃES

No período em que a turma de 1917 cursou a Escola Politécnica de São Paulo, a frequência obrigatória a tôdas as aulas aproximava os estudantes para o trabalho, forçando-os a um convívio fraterno. Isolava-os, por outro lado, das atividades exteriores, de quando em quando agitadas pelos ecos amortecidos da campanha civilista, que a ascensão de Wenceslau Braz e o conflito universal de 1914 a 1918, depressa fizeram esquecer.

A severidade do Preliminar e do 1.º ano do Curso Geral, a austeridade da velha guarda de professores — alguns dos quais remanescentes da fundação da Escola — o prestígio do diretor Paula Souza e do vice-diretor Ramos de Azevedo, a dedicação incomparável do secretário Santiago, o solar antigo do Marquês de Três Rios, a ligar o passado ao presente, o sistema de coeficientes a pesar como um espantinho, numa época em que o cinematógrafo e o automóvel não exerciam nenhuma influência na vida da gente e em que o namôro se fazia, mais ou menos clandestinamente, da rua para a janela da casa da beldade. Num São Paulo que apenas começava a alvorecer para o progresso, com os mastodontes da Light a se arrastarem (Sabe-se-lá com que denôdo!) pela ladeira de São João, na sua rampa de 14 %, e, a Várzea do Anhangabaú era uma só plantação de verduras; ou quando além da Avenida Paulista ainda perambulavam, à meia noite, as almas penadas dos bandeirantes de antanho. Numa época em que a elegância pontificava no Triângulo, realmente os estudantes deviam ser mais unidos para as incertezas de amanhã do que os de hoje, porque não éramos funcionários públicos e também porque menos numerosos. Demais, as ideologias exóticas inexistiam, ainda que o socialismo andasse a fazer pela Europa as suas diabruras.

Seríamos menos desportistas e, contudo, mais folgazões, apesar do aperto das tarefas escolares e das preocupações com as coisas do espírito, porque imperava a literatura, que depois de investida de Graça Aranha, em 1922, foi renegada como "passadista".

Na "História da Escola Politécnica de São Paulo até 1917", em quatro volumes, que estou escrevendo — a Escola, os professores, os alunos, o Grêmio — para o que disponho de abundante material, coligido dos Anuários, da "Revista Politécnica", do Boletim do Instituto de Engenharia, de "Engenharia", etc. — realço o papel desempenhado pelo Grêmio na formação do caráter dos politécnicos de então: é que agíamos com siseudez e soberberia e, convictos de que todo o São Paulo nos respeitava pela firmeza dos propósitos e correção do procedimento.

De 1912 a 1917, o Grêmio foi dirigido por uma plêiade de rapazes de valor, que o exercício da profissão nobilitariaã. Em 1917, coube a mim a herança de Benjamin Botelho Egas, de saudosa memória.

O Relatório apresentado a 17 de dezembro diz bem dos motivos da minha investidura em pôsto de etanto relêvo, anteriormente ocupado por grandes alunos, tais como Alexandre Albuquerque, Pujol Junior, Alair Prata, Morais Barros, Silva Teles, Armando Sales Oliveira, Wanderley, Agenor Correa, Souza Lima, Plínio de Queiroz e Belfort de Matos: a união dos estudantes das escolas superiores de São Paulo, através uma Federação Acadêmica, "que viesse a ser o centro de tôdas as grandes e generosas campanhas da mocidade pátria".

Muitas vêzes, para a concretização dêsse objetivo, reunir-se-iam os presidentes do Centro XI de Agôsto — Antonio Pereira Lima — do Centro Osvaldo Cruz — Ernesto de Souza Campos — e do Grêmio Politécnico, e dêsses encontros surgiram, entre outras iniciativas, o Batalhão Acadêmico de São Paulo, que também contou com a companhia de guerra do Mackenzie College que, garboso, compareceu à grande parada de 7 de setembro no Rio de Janeiro; o Congresso da Mocidade, que proclamou uma incisiva declaração de fé nos destinos da Pátria; e "êsse esplêndido movimento de reação contra o indiferentismo, donde nasceu, triunfante, a Liga Nacionalista".